

Escrita afirmativa

Reflexões sobre a produção literária elaborada e consumida por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul

*Maria Catarina Chitolina Zanini **

Este artigo¹ tem por objetivo efetuar algumas breves reflexões acerca dos diálogos possíveis entre Literatura, Antropologia e Estudos Migratórios, e a forma como se pode, por meio do estudo da literatura produzida (e consumida) pelos próprios grupos, compreender mais sobre eles mesmos, e suas experiências individuais e coletivas, e como estas passam a fazer parte de determinadas estruturas de significado, mais amplas, ou não. Meu estudo se efetivou entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil), com quem desenvolvo pesquisa etnográfica desde os anos de 1996/97.² Estudar a produção literária dos grupos de imigrantes que vieram para o Brasil é, de um modo geral, algo ainda por fazer. Minha inspiração para tal empreitada veio das reflexões efetuadas por Seyferth (2004, 2005) acerca da literatura produzida por descendentes de imigrantes alemães no Brasil. Escrever e ler, com certeza, torna-os produtos e produtores de muitas outras significações sociais, que cabe, aos estudiosos dos processos migratórios, conhecer e analisar. Penso que tal produção literária pode auxiliar no melhor entendimento dos processos de eleição de pertencimentos étnicos,³ e também de como estes sujeitos interpretam seu processo colonizador no Brasil. Para estas populações, escrever não é uma atividade cotidiana, ainda hoje, mas sim, algo que envolve ritualidades, reflexões (individuais ou coletivas), algum elemento motivador maior; enfim, eu diria que em relação ao ato de escrever há, ainda, um universo a ser mais bem compreendido, que envolve uma

* *Universidade Federal de Santa Maria - UFSM*

maior intimidade com as trajetórias de vida individuais, familiares e também grupais.

Compreendo que o escrito pode revelar trânsitos (PRATT, 1999) e deslizamentos por entre seus ditos, como ressalta Bhabha (2001, p. 27). Observo, igualmente, que os critérios para consideração de tais escritos literários não são seu valor estético (vide HUBER, 1993), mas sim, a história particular que cada um desses produtos revela acerca de seus autores, situações de escrita e finalidade de publicação. Essa produção literária é vasta, diversa, circula entre os descendentes (e mais além, também), e já é reconhecida como um elemento importante de sua própria autoidentificação. Além da escrita, não se pode negligenciar seu acompanhamento, a leitura, que, sendo uma atividade socialmente construída (CHARTIER, 2002), tem também adquirido um papel importante entre os descendentes de italianos, atualmente. Dessa forma, o crescimento dessa literatura, sua produção, circulação e consumo, criaram um mercado editorial próprio no Estado.

Conheci e passei a consumir a produção literária de descendentes de imigrantes, quando de minha pesquisa de campo na região central do Rio Grande do Sul, em 1997. Fui apresentada a um grande número de memórias, livros, livretos e outras edições que eram colocados como parte importante da vida das famílias, das localidades e de pessoas em particular também. Possuir um livro publicado era um sinal de prestígio muito grande em algumas famílias, o que me levava a pensar que “o livro” fosse algo que já estivesse nas estruturas de significado (vide GEERTZ, 1989) daqueles descendentes, e que fazer circular um livro impresso era, também, um sinal de prestígio e gerava distinção entre os descendentes.

No estado do Rio Grande do Sul, de uma forma geral, o aumento do número de publicações feitas por descendentes de imigrantes italianos cresceu depois das comemorações do Centenário da Imigração Italiana, em 1975. Nessa produção, podem ser citadas as receitas culinárias, os livros de rezas, autobiografias, memórias pessoais e familiares, história de localidades, genealogias, sagas familiares, cantos (os *cantici, canti*),⁴ provérbios e também tirinhas em quadrinhos,⁵ entre outros. Um personagem histórico muito importante, nessa produção literária, é o Frei capuchinho Rovílio Costa, responsável pela EST Editora, e relevante agente interétnico que estimulou muitos estudos, inclusive, facilitando a editoração e publicação dos mesmos.⁶ Há, porém, uma série de produções menos elaboradas e feitas “em casa”, pelos próprios descendentes.

A enormidade de estilos, formas e formatações desses escritos é evidente; minha investigação centrou-se, entretanto, na análise dos trânsitos entre identidades e produtos literários (ARCHETTI, 1994, p.14), buscando compreender como os descendentes conseguiram e/ou conseguiam traduzir “experience into text” (CRAPANZANO, 2004, p.22), transformando em palavras aquilo que viveram, ouviram, viram ou mesmo imaginaram. Em quê a escrita teria interferido em suas concepções de mundo e de si mesmos (cf. GOODY, 1968)? Como eles

transformavam o vivido em escrita? Quem escrevia? Por quê? Para quem? Onde? Quando? Havia relações de poder envolvidas na arte de escrever? E na leitura? E na circulação de tais produtos? Muitas destas questões são reveladas pelos próprios autores que justificam o porquê da investida literária naquele momento específico de suas vidas. Além disso, durante minha pesquisa nos anos de 2007 e 2008, realizei entrevistas com alguns descendentes escritores.⁷

Italianos no Rio Grande do Sul: breves informações

A imigração italiana para o estado do Rio Grande do Sul iniciou-se maciçamente nos finais do século XIX, em 1875, quando as primeiras famílias de emigrados italianos foram atraídas e encaminhadas para a região serrana, fundando as três primeiras colônias (Princesa Isabel, Conde D'eu e Campo dos Bugres). Na região central do estado, próximo à cidade de Santa Maria, esse processo se deu a partir de 1877/78, com a criação da Colônia Imperial Silveira Martins. Tratava-se de migrações similares: os emigrados vinham em família, eram católicos em sua maioria, provenientes do norte da Itália e, em sua grande parte, camponeses pobres ou empobrecidos pela situação da Itália naquele momento específico (GROSSELLI, 1987). Grande parte daquelas populações era iletrada, mas destacavam-se alguns indivíduos com maior grau de instrução, tais como Julio Lorenzoni (1975), Andrea Pozzobon (1997) e Ancarani (s.d.), entre outros, que deixaram suas contribuições escritas acerca daquele momento histórico específico. Os dois primeiros migrantes mencionados deixaram memórias, que foram posteriormente traduzidas pelos seus descendentes, e publicadas. Era comum também a troca de cartas, como está registrado na obra *Os Povoadores da IV Colônia* (RIGHI et al., 2001).

A Itália, recém-unificada em 1870, não era um Estado nacional de fato. Era, em verdade, uma junção de diferentes grupos, com dialetos distintos, e regionalidades específicas. Um dos grandes elementos que os unia era a catolicidade (cf. DE BONI e COSTA, 1980), que favorecia uma coesão entre eles. Compreendo que a noção de “italiano” foi algo que se desdobrou e adquiriu significado no decorrer do processo migratório, na medida em que eles interagiam com os “brasileiros”. Assim, passaram a se perceber e a se referir a si mesmos coletivamente (e adscritivamente) de uma forma diferenciadora dos “nativos” e também dos demais grupos de imigrantes já existentes na região, tais como alemães, poloneses, espanhóis e outros (ZANINI, 2006).

Quando do período do Estado Novo (1937-1945), houve repressão aos descendentes de imigrantes italianos no país como um todo, fazendo-se sentir no Rio Grande do Sul também. Em 1942, o Brasil entrara na II Guerra Mundial, lutando contra o Eixo, formado por Itália, Japão e Alemanha, e os descendentes destes grupos, em nível nacional, foram compreendidos pelo governo brasileiro como “perigos”. Uma vigilância passou a ser exercida sobre essas populações, com presença de aparato policial (SEYFERTH, 1997; CANCELLI, 1994). Naquele

período, ocorreu o que denominei de *varredura cultural* (ZANINI, 2005, 2006), momento em que muitas famílias destruíram seus vestígios materiais de pertencimentos, tais como fotos, documentos, rezas, cartazes, móveis, enfim, uma enormidade de objetos que passaram a ser considerados perigosos, pois podiam revelar pertencimento.

Escrever para existir?

Na produção literária escrita e tornada pública, observo haver uma tentativa de expressão das subjetividades e de expressões de si, que em determinadas obras se revela mais forte e noutras está presente em tom mais implícito. Compreendendo que as subjetividades, emoções e sentimentos são aprendizados coletivos, salienta-se o quanto o ato de escrever pode adquirir um valor específico no interior de um grupo marcado historicamente por uma forte vivência religiosa católica. Como descendentes de famílias camponesas, o letramento, para muitos desses indivíduos, foi uma conquista de gerações e que deveria estar devidamente registrada como um símbolo do sucesso migratório. Nas palavras de Bourdieu (In: CHARTIER, 1993, p.281), “le pouvoir sur le livre, c’est le pouvoir sur le pouvoir que exerce le livre” (« o poder sobre o livro é o poder sobre o poder que o livro exerce »). Assim, o livro, enquanto um processo que pode envolver a família toda, ou pode ser solitário, cristaliza um processo de ascensão social e pode tornar público um processo migratório tido como de sucesso. O livro pode representar, em alguma medida, também uma tecnologia para a construção e manifestação da subjetividade, que, para Foucault (1982), vem acompanhada de disciplinas e controles. Assim, a escrita necessita ser conhecida, reconhecida e exercida, para ser partilhada.

O que esses livros guardam e/ou revelam, para serem considerados tão importantes? Por que alguns se tornam *best-sellers* locais? Compreendo que eles acabam por materializar um patrimônio humano em movimento: antepassados, nomes, casamentos, nascimentos e mortes, narrados num tempo e espaço específicos. Eles são construtores de memórias e, ao mesmo tempo, são memórias construídas que permitem sobre si mesmas uma enormidade de releituras. Por memória, compreendo, conforme Halbwachs (1990), a leitura do passado elaborada no presente; ou seja, leituras possíveis encaminhadas pelos agenciamentos de sentido dos descendentes no tempo/espaço em que estão inseridos contemporaneamente. Herdeiros de uma tradição mais voltada para o grupo do que para os projetos individuais, alguns desses relatos apresentam o que denomino de narrativa “filho de” em que os indivíduos compreendem a si mesmos e querem ser situados partindo de sua posição familiar e/ou grupal.

A família, como elemento importante de coesão grupal e também de eixo formativo da pessoa, é algo constante nos escritos. Um poema que exemplifica, de certa forma, esta linha de pertencimento foi escrito pela autora Regina Toaldo Agostini:⁸

FILHO DE IMIGRANTE

Minha mãe trouxe da Itália
Minhas fraldas de algodão
Fiou um saco de palhas
Para encher o meu colchão.

Meu pai, da madeira tosca
O meu berço cinzelou
Colhi frutos da videira
Nos braços do meu avô.

São fortes e calejadas
As mãos que abrem caminhos
Mas que se tornam suaves
Pra me tocar com carinho.

Os braços que me carregam
Também carregam o trigo
Como galhos, não se vergam
No afã de me dar abrigo.

Os olhos que me vigiam
São gotas de azul profundo
São estrelas que me guiam
Pelos atalhos do mundo.

Sou uma centelha de amor
Acesa em terra distante
Gerando luz e calor
Numa família imigrante.

As flores azuis dos vales
A sombra dos seus abetos
A seiva dos verdes caules
Eu saúdo em dialeto.

(Espirais de Prata, 1999, p.53-54)

Oriundos do mundo camponês europeu, aqueles imigrantes que vieram para o Brasil, em finais do século XIX, tinham, ainda, poucas noções individualistas. Sua forma de vida orientada para a organização familiar fazia com que os projetos individuais fossem menos importantes do que os projetos coletivos do grupo. Assim, a ideia de “filho de” representa um pouco desse valor delegado à família e a uma ascendência que remetia a noções de honra, de valores cristãos e de

uma moral bastante rigorosa, na qual o grupo posicionava os indivíduos e lhes delegava, de certa forma, uma possível trajetória de vida.

Conforme observado no poema de Onilse Noal Pozzobon,⁹ denominado *Um Massolino di Fiori* (nome de um importante *cantici* dos descendentes), deixar escrito um tributo aos antepassados é algo considerado relevante e fonte inspiradora de poesia:

No repique dos sinos
O eco da saudade...
Na melodia
Sonhos de aventura...
Nas mãos unidas
Muita esperança...

A arte,
A música,
A fé,
Se mesclam
Fazendo parte da história
De um povo forte
Que do além mar (*sic*)
Trouxe na bagagem,
Principalmente,
A vontade de vencer.

MÉRICA... MÉRICA... MÉRICA...
Na melodia do passado,
O grito crescente do imigrante,
Rompe o silêncio
Se faz presente...
Compondo com harmonia
Um painel
Onde (*sic*) a complexidade da vida
Pincela
Os primeiros toques da aurora...

O eco se expande.
As mãos se juntam.
O chão se ilumina.
O condor encontra seu espaço.
Ao longo dos caminhos
Prolifera abençoado.

(*Um lindo ramalhete de flores*, 1999, p.74-75).

Outro elemento importante, nessas criações literárias – como já foi por mim analisado noutro artigo (ZANINI, 2009) –, são as constantes invocações ao mundo religioso, presente no universo de origem italiano. São poucos os escritos que não remetem à religiosidade e a todo o universo que a circundava. Ela era um elemento formador daqueles imigrantes enquanto sujeitos. Estava presente desde antes de seu nascimento, bem como em seu crescimento e em sua socialização como um todo:

“Em casa do vovô, após o jantar e a reorganização da cozinha a cargo da equipe feminina, as três gerações da família reuniam-se em círculo, na sala, para rezar o Rosário.

As cinquenta Ave-marias e os Pais-Nossos, mais cantados que recitados, em latim, e mais as orações complementares, entretinham o grupo de orantes por quase uma hora.

Todos ajoelhados nas tábuas do assoalho e debruçados sobre o assento de cadeiras coloniais, únicos móveis da sala, aguardavam o sinal da Cruz que silenciaria as brincadeiras das crianças. O vovô, com sua bonita voz de baixo e a vovó quase um soprano, repetiram muitas vezes: “Ave Maria, gratia plena...” Filhos, noras e netos concluíram em coro: “Santa Maria, Mater Dei...”

Se, naquela hora, eventuais retardatários passassem pela estrada, recolheriam, junto com o sereno, a certeza de que, antes de dormir, aquela família louvava o “senhor” e a “madona”, pedia-lhe chuva em época de seca e, bom tempo, quando os arroios transbordavam e invadiam as plantações.

Camilo e seus primos, embalados pela monotonia da cantilena rezada, cabeceavam de sono já antes de chegar ao segundo Mistério” (LOVATO,1988, p.27).

Para as gerações contemporâneas de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, a religiosidade é um sinal diacrítico distinto do que foi para seus antepassados, mas com certeza é ainda muito forte de um modo geral. Na tríade terra, trabalho e religião, pode-se dizer que há ressignificações históricas, mas os elementos justificadores ainda se mantêm, embora de forma diversa daquela presente no universo dos pioneiros imigrantes. A religiosidade é um dos universos que se mescla com outras dimensões da vida, nas construções literárias, especialmente nas questões que geram culpa e sentimento de que não houve um retorno ao que era deles esperado pelo grupo. A reflexividade propiciada por meio da vivência da catolicidade e seus confrontos com o mundo contemporâneo é por mim compreendida como um dos elementos que podem ter contribuído para o ato da escrita. Por meio dela, os indivíduos exteriorizam e conseguem trabalhar suas subjetividades em contraste com um mundo, por vezes, distante daquele de suas origens. O passo seguinte, o da edição e

publicação dos escritos – como foi por mim observado –, torna-se um exercício coletivo (entre casais, pais e filhos, avós e netos, e, por vezes, a parentela mais ampla). Por este motivo, uma de minhas questões sempre foi: por que publicar? Há motivos vários, múltiplos, mas todos remetem à força da ancestralidade em suas vidas, para o bem ou para o mal.

Considerações Finais

Embora duas produções escritas, apresentadas neste *paper*, sejam de autoria de mulheres, a produção feminina é muito inferior à masculina. Os autores costumam ser homens, com alguma instrução, e que já haviam passado por processo de ascensão social no trajeto de mais de um século de colonização no estado. Foram por mim analisadas, até o momento, mais de 200 obras produzidas no estado do Rio Grande do Sul, com edições de 1975 até o momento atual. Há, ainda, uma enormidade de material a ser analisado, cujo crescimento é algo constante e impressionante. Concordo com Gardelin (1988), ao afirmar ser necessário um novo levantamento literário de toda essa produção; e é difícil para alguém como eu, que não é uma estudiosa da Literatura especificamente, classificar tal produção.

Um dos elementos que considero importante ser analisado na referida produção é a relação de poder quando os próprios sujeitos tomam para si a tarefa de escrever suas histórias. Nesse sentido, entendo que a atividade da escrita, sua edição e publicação constituem uma ação de afirmação de uma identidade tida como ainda pouco conhecida. Um dos objetivos seria, com certeza, dar visibilidade positiva ao descendente do imigrante italiano no estado. Além disso, não se pode esquecer que, ao recontar as histórias, criam-se versões que podem entrar em conflito com aquelas vigentes na historiografia oficial, e também que as narrativas dessas memórias se tornam documentos importantes para os estudiosos que desejam ter conhecimento de múltiplos pontos de vista. Esses escritos favorecem, produzem e são produtos de toda uma partilha de construções de memórias que resultam na constante reivindicação de uma italianidade no estado do Rio Grande do Sul, já bastante organizada em formas de associações, círculos, entre outras. Com certeza, escrever traz retornos aos escritores, sejam sociais, pessoais, ou mesmo, como apontam alguns, revela o simples prazer que o ato de escrever propicia.

Notas

1 - Este artigo foi apresentado, originalmente, no evento VIII RAM (Reunião de Antropologia do MERCOSUL), ocorrido em Buenos Aires, no ano de 2009. Nele, foram inseridas as sugestões advindas do debate. Ele constitui o resultado parcial de minha pesquisa de Pós-Doutorado, realizada de 2007 a 2008, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ, sob a orientação da Profa. Dra. Giralda Seyferth.

2 - Considero importante informar que também sou descendente de imigrantes italianos

no Rio Grande do Sul, e que meus estudos são, geralmente, acompanhados de vigilância epistemológica acerca do “fazer etnográfico” entre iguais.

3 - Compreendo os descendentes de italianos enquanto grupo étnico, uma vez que reivindicam uma origem diferenciada e possuem, num sentido weberiano (WEBER, 1994), a crença numa origem comum, além de estabelecerem fronteiras adscritivas entre si e os outros (cf. BARTH, 2000).

4 - Um exemplo deste tipo de publicações é a obra *100 - Cento Canti talini*, organizado pelo Padre Clementino Marcuzzo (s.d).

5 - No âmbito desse gênero literário, pesquisei a obra de Carlos Iotti, criador do personagem *Radicci* e sua família (a esposa Zenoveva, o nono Guilhermino, e o filho, jovem universitário). Suas tirinhas são publicadas em jornais no sul do país (*Zero Hora, Diário de Santa Maria, Diário Catarinense*).

6 - Pode-se dizer que Frei Rovílio Costa foi um dos estudiosos que, com certeza, percebeu a importância de os descendentes deixarem seus escritos registrados e publicados.

7 - Estas entrevistas foram fonte de dilemas metodológicos também. Algumas delas foram efetuadas na forma clássica “face to face”, e outras foram feitas “on line”, via e-mail.

8 - Pelas informações contidas na obra *Espirais de Prata*, sabe-se que a autora nasceu em São Sepé (RS), no ano de 1917. Foi professora em Arroio Grande e Santa Maria, e, poetisa reconhecida, teve algumas de suas criações musicadas.

9 - Pelas informações contidas na publicação, a autora, nascida em 1948, seria natural de Santa Maria. Formada em História, foi professora e colaboradora nos jornais locais.

Referências

- AGOSTINI, Regina Toaldo. *Espirais de Prata*. Santa Maria: Gráfica Palotti, 1999.
- ANCARANI, Umberto. Monographia sobre a origem da ex-colônia italiana de Silveira Martins 1877-1914. *Revista Comemorativa do Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria-RS 1814-1914*. [s.l; s.d.].
- ARCHETTI, Eduardo (ed). *Exploring the written*. Anthropology and the multiplicity of writing. Oslo: Scandinavian University Press, 1994.
- BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T. (org.) *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 25-67.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.
- CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia na era Vargas*. 2ª ed. Brasília: Ed. UNB, 1994.
- CHARTIER, Roger e BOURDIEU, Pierre. La lecture: une pratique culturelle. Débat entre Pierre Bourdieu et Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. *Pratiques de la lecture*. Paris: Edition Payot & Rivages, 1993, p. 267-294.
- CHARTIER, Roger. História e literatura. In: *A beira da Falésia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 255-271.
- CRAPANZANO, Vincent. *Imaginative Horizons*. An essay in literary-philosophical Anthropology. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- DE BONI, Luis Alberto. & COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre: EST/ Caxias: Universidade de Caxias, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GARDELIN, Mário. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes literárias*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1988.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio*. Porto Alegre: Parlanda, 1994.
- GOODY, Jack (org). *Literacy in traditional societies*. Cambridge University Press, 1968.

- GROSSELI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer*. Camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HUBER, Valburga. *Saudade e Esperança*. O dualismo do imigrante alemão em sua literatura. Blumenau: Editora da FURB, 1993.
- LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- LOVATTO, João A. *Trem de argila*. Porto Alegre: Posenatto Arte & Cultura, 1988.
- POZZOBON, Andréa. Uma odisséia na América. In: POZZOBON, Z. F. *Uma odisséia na América*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- POZZOBON, Nilse Noal. *Momentos*. Santa Maria: Gráfica Palotti, 1999.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*: relatos de viagem e transculturação. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- RIGHI, José Vicente et al. *Povoadores da Quarta Colônia*. Porto Alegre: EST, 2001.
- SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v.3, nº 1, 1997, p. 95-131.
- SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, nº 22, 2004, p. 148-198.
- SEYFERTH, Giralda. Cartas e narrativas biográficas no estudo da imigração. In: DEMARTINI, Zeila et al. *Estudos migratórios*: perspectivas metodológicas. São Carlos, EdUFSCAR, 2005. p.13-52.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. In: DALMOLIN, C. (org.). *Mordaça verde e amarela*. Santa Maria: Palotti, 2005. p.113-128.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil meridional*. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: EdUFMS, 2006.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Fé escrita: elementos literários da imigração italiana no Rio Grande do Sul (Brasil). Trabalho apresentado no III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos culturais e Híbridos. *Anais/CD*, 2009.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol.1. 3ª ed. Brasília: Ed. UnB, 1994.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a forma como a literatura produzida e consumida por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul tem dialogado com seus processos identitários e de construção de memórias. Por meio desses escritos observa-se que há um processo de resistência e de tentativa de narrarem a si mesmos, como agentes de suas existências e historicidades.

Palavras-chave: literatura; italianos; memórias.

ABSTRACT

This article aims to analyze the way by literature is consumed and produced by descendants of Italian settlers in Rio Grande do Sul state (Brazil). In addition, we analyze how this process has influenced identity processes and the construction of memory. These writings are part of a resistance process in which they try to narrate themselves, their historicities and discourses about their existences.

Keywords: literature; italians; memories.